

# PONTO DOS MÚSICOS

UM DOS MAIS TRADICIONAIS RESTAURANTE DA CIDADE RESOLVEU INOVAR. TODA SEGUNDA-FEIRA, O GAF ABRE AS PORTAS PARA OS MÚSICOS DA CIDADE APRESENTAREM NOVIDADES E CONFRATERNIZAREM. DO IMPROVISO NASCEU UMA DAS NOITES MAIS DIVERTIDAS DE BRASÍLIA.

André Corrêa



Músicos brasilienses das mais diversas tendências animam a noite de segunda-feira no Gaf com concorridas jam-sessions, que têm levado um público expressivo ao bar do Centro Comercial Gilberto Salomão, localizado no Lago Sul

Irlam Rocha Lima  
Da equipe do Correio

A idéia evoluiu, a partir das *jam sessions* que começaram a acontecer.

"Logo na segunda noite apareceu tanto músico, que começamos a dividir o tempo para a apresentação de cada grupo que ia se formando", contou Célia Rabello, cantora do Gaf e responsável, juntamente com o baterista Nelsinho — outro músico da casa — por fazer contato com os colegas.

Em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte há lugares onde os músicos se encontram para trocar idéias, experiências e, principalmente, se informar a respeito do mercado de trabalho. Locais muito concorridos, esses.

Há pouco mais de um mês vem funcionando, também, em Brasília, o Ponto dos Músicos. Uma vez por semana, às segundas-feiras, instrumentistas e cantores se encontram no bar e restaurante Gaf, no Centro Comercial Gilberto Salomão, a partir das 21h. Essas reuniões costumam se estender até a madrugada de terça-feira, num clima de grande animação, compartilhado pelo público.

A idéia inicial da direção do Gaf era abrir a casa para os músicos às segundas-feiras, "para que eles pudessem se confraternizar, em seu dia de folga", explicou Anilton Ambrósio, proprietário do restaurante.

mente tem acompanhado Adriano Faquini, Rênio Quintas e seu tio Renato Vasconcellos.

Um dos mais aplaudidos instrumentistas da cidade, o baterista Erivelton Silva, que chegou recentemente do Japão, onde esteve acompanhando Rosa Passos — ele forma na banda da cantora há 12 anos —, era outro presente ao Gaf na última segunda-feira.

Ele disse que se sente "bem à vontade" entre músicos iniciantes. "A troca de experiências é fundamental em qualquer profissão. Na de músico, então, nem se fala".

Com Erivelton concorda Rogério Campel, 19 anos, cantor em início de carreira. "Eu tive aula de canto com a Luanda Cozzetti e também numa escola em Londres. Mas é na prática, lado a lado com os companheiros que a gente aprimora o aprendizado. É a primeira vez que venho aqui, mas vou virar freguês."

Baterista do Squema Seis, o mais famoso e requisitado conjunto de baile do Distrito Federal, Onivaldo

de Oz manifestava sua surpresa, antes de se juntar a outros músicos no palco. "O que me impressiona aqui é a atitude dos músicos, que deixando de lado as rivalidades vêm mostrando um perfeito entrosamento nesta reunião aqui às segundas-feiras."

Proprietário de um estúdio na 410 Norte "aberto à novos músicos e novas bandas", Onivaldo vê "com alegria esta iniciativa da direção do Gaf, dando oportunidade aos músicos de se confraternizarem. Vou tocar com o pessoal do Terminal Zero e da Brazilian Band, num intercâmbio altamente positivo."

O baixista Rob, que já tocou junto com Onivaldo no Squema Seis, e agora é líder da Brazilian Band, também elogiou "a criação deste espaço para o encontro dos músicos da cidade. Estava fazendo falta. A gente passa a semana trabalhando e tem pouca chance de ver o trabalho dos outros colegas. Aqui esta possibilidade existe. Agora mesmo acabei de curtir o Mata Hari."

Ao lado de Bob, Verônica, vocalista do Mata Hari, manifestava opinião semelhante. "Como também não frequento a noite, conheço pouca gente entre este pessoal que trabalha nas casas noturnas. Para mim é uma ótima surpresa o Betão, um cara com um vozeirão enorme", que ela ouvia naquele momento.

## RECOLHIMENTO

Quem também andava meio afastado das noitadas era o contrabaixista Geraldo Horta, outro a marcar presença no Gaf, segunda-feira passada. Ele que vive "fase de recolhimento, para poder compor e elaborar melhor meu trabalho", procurou mostrar-se aberto a outras informações. "Acho legal estar aqui tomando conhecimento do que meus colegas estão fazendo."

O retorno à cidade do também contrabaixista Zambinha, depois da ausência de dois anos, coincidiu com o início das atividades do Ponto dos Músicos brasiliense. Um dos primeiros a freqüentá-lo, Zambinha

foi contratado pelo Gaf, juntamente com o tecladista Pierre e o cantor Betão. "É muito bom voltar a Brasília e encontrar este ambiente tão propício para a música".

Sentimento igual tem o premiado pianista Guilherme Vaz, um dos mais assíduos participantes do encontro das segundas-feiras no bar e restaurante do Gilberto Salomão. "Para mim o que aconteceu aqui foi

uma revolução. Este lugar que ficou conhecido na década de 70 como reduto da direita, agora transformou-se num espaço democrático. Isso é um ganho, principalmente para os músicos".

Vaz, porém, faz algumas ressalvas. "Há coisas, no entanto, que ainda me chocam. Observo, por exemplo, que noventa por cento dos músicos que tocam aqui são colonizados. Optam por uma linguagem musical anglo-saxônica, em detrimento do rico manancial rítmico brasileiro. Acabo de ouvir um rapaz que é um perfeito clone de Isaac Hayes", criticou.